

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

ALESSANDRA REZENDE CAÇADOR ZAITER

**ENTRE A PEDAGOGIA E AS ARTES VISUAIS:
REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL**

JUIZ DE FORA
2019
Alessandra Rezende Caçador Zaiter

**ENTRE A PEDAGOGIA E AS ARTES VISUAIS:
REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Orientador: Prof. Dr. Fabrício de Carvalho

Juiz de Fora
2019

**ENTRE A PEDAGOGIA E AS ARTES VISUAIS: REFLEXÕES DE UMA
PROFESSORA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para aprovação no
Curso de Especialização Ensino de Artes
Visuais, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabrício de Carvalho

Membro da banca

Membro da banca

1.0 INTRODUÇÃO

Experiências comuns provenientes do lugar social que ocupo como pedagoga e professora da educação básica, nos anos iniciais e na educação infantil, possibilitam meu lugar de fala com formação pedagógica, mas que também dialoga com as artes visuais.

Falar, não apenas como emissão de palavras, mas também como um ato de existência, e envolver Artes proporciona-me motivação profissional e pessoal. Mesmo tendo consciência de que não tenho formação em Artes, compreendo a sua importância para a educação. A sério, compreendo melhor agora, com a realização desta pós-graduação que ampliou minha visão de mundo e proporcionou uma transFORMAÇÃO em minha maneira de ser, pensar e atuar como professora.

Nesse sentido, tanto o fazer arte quanto o reconhecer e refletir sobre ela apontam para um caminho de descobertas e vivências que ampliam o universo da criança e do professor que, ao trabalharem com Arte, expandem o conhecimento das próprias capacidades e limitações, além de desenvolverem a criatividade, a sensibilidade e a imaginação.

É a escola que se encarrega de problematizar a visão de mundo, propondo reflexões fundamentais que permitem-nos encontrar as melhores formas de trabalhar com os diversos modos de ensinar e aprender. Isso ocorre porque a educação é o espaço onde se produz a elaboração e a recriação dessa visão, incluindo os valores e as maneiras de construção do conhecimento.

Na Educação Infantil especialmente, já que em todas as etapas envolvemos nosso corpo, o trabalho com a arte abrange todo o corpo, é como um abraço envolvente. O desenvolvimento da linguagem, da expressividade, do pensamento e da cognição das crianças, depende da qualidade dos elementos artísticos que forem compartilhados com elas. Por isso a importância de um professor comprometido, que interaja com artes.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental são uma etapa essencial na formação dos estudantes no que se refere ao seu desenvolvimento social, cultural e cognitivo. É também nesse momento do processo educacional que as crianças são alfabetizadas, inserindo-se no mundo da linguagem escrita. Em uma sociedade marcada pelo excesso de informações e pelas mídias digitais, a arte assume um papel essencial nesse processo, estimulando as crianças a pensarem de um modo novo, despertando o entusiasmo para uma aprendizagem significativa e mais reflexiva.

Em ambas as etapas da educação básica, o trabalho com a Arte, visando imaginação, envolvimento, estimulação e reflexão, desenvolve e instiga a capacidade das crianças de criar e inventar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 19)

Sendo assim, a educação baseada em Arte deve privilegiar a liberdade de manifestação dos alunos, sem reprimir o lado perceptivo das crianças, pois são elas seres férteis para a criatividade e a imaginação, seja na dança, nas artes visuais, no teatro ou na música. Porém, não se deve negligenciar o mediador desse processo de criação, o professor, que tem papel fundamental no desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

No poema *A suposta existência*, o poeta Carlos Drummond de Andrade nos questiona: “Como é o lugar quando ninguém passa por ele? Existem as coisas sem ser vistas?” (ANDRADE, 1994). Como é possível um professor com formação pedagógica dialogar com Artes Visuais? Existe aula de Artes sem professor específico? Sendo o professor especializado ou não, a aula de Artes existe. Mas será que as aulas são bem ministradas? O professor tem se procurado em ampliar o repertório de atividades formativas para construir conhecimentos relacionados à Arte, além da atividade em sala de aula?

Nesse contexto, muitas escolas têm a disciplina de Artes exercida por profissionais de outras áreas ou até mesmo pelo professor que ministra todas as disciplinas, como no caso do Ensino Fundamental I, assim como da escola onde trabalho atualmente. Infelizmente, esta prática resulta, em grande parte, no tecnicismo do ensino da arte, que fica baseado no fazer artístico expresso na decoração da escola para a realização de festas, datas comemorativas, culminâncias de trabalhos, além de cópias de desenhos para serem coloridos, reproduzidos ou somente desenhos livres desprovidos de uma proposta significativa e de intencionalidade. A arte é vista apenas como um momento de descanso... Isso quando sobra tempo! Foi exatamente assim que eu, como professora, atuei nas atividades artísticas, sem imaginar a proporção de uma verdadeira prática educativa em Artes. E é assim que vários professores realizam suas aulas, desprovidos de conhecimento sobre a disciplina, uns mais empenhados em busca de novidades e outros menos.

Como disse Barbosa (2016), em entrevista à versão digital da revista *Época*, da Editora Globo, o ensino da Arte como mera atividade gerou práticas pedagógicas esvaziadas, baseadas no fazer, e desprovidas de conhecimentos artísticos. Isso colaborou para fazer da

arte um lugar inferior no currículo e na escola. É por este motivo que concentrei minhas questões especificamente na escola, pois como professora é possível atuar de maneira interdisciplinar envolvendo Artes, na tentativa de mostrar qual é a verdadeira importância da disciplina, tanto para os demais discentes como para os alunos e para mim mesma. Assim, posso ocupar meu lugar de fala como professora, na tentativa de provocar reflexões e promover o diálogo, a escuta, a invenção e a minha própria transformação como educadora.

2.0 AULAS

2.1 AULAS – Educação Infantil

Foi com essa perspectiva de mudança da minha prática pedagógica e com essa inquietação profissional que iniciei um trabalho diferenciado como pedagoga, interagindo através da Arte em duas escolas do município de Argirita/MG – uma com alunos da Educação Infantil (Pré I) e a outra com alunos de terceiro e quarto ano do Ensino Fundamental I.

Primeiramente, uma questão passou a intrigar-me constantemente: Por que a maioria dos alunos sempre utiliza o lápis cor-de-rosa ou bege como cor da pele quando se desenhavam, fazem seu autorretrato, mesmo sendo negros? Foi a partir desta questão que resolvi interagir significativamente, propondo reflexões e atividades que fizessem os alunos refletir sobre suas próprias atitudes e questões. E a partir desse momento, surgiram muitas outras.

Figura 1 – Tonalidades de pele dos alunos



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Tudo isso aconteceu após eu conhecer, me envolver e refletir sobre o trabalho de Adriana Varejão, série *Polvo*¹ (2013-2014), apresentado na disciplina *Arte Brasileira e Interculturalidade*, do curso de pós-graduação em Artes Visuais/UFJF, no qual a artista retrata as mais diversas combinações de tonalidades de pele, envolvendo a existência das cores e culturas em uma paleta de diversos tons. Sobre isso, a artista comenta que pele é "[...] território; é casa e morada. Trata-se, assim, de uma reflexão sobre cor, pele, pintura e criar a partir do próprio ato de criação e classificação." (SCHWARCZ; VAREJÃO, 2014. p. 339).

Por coincidência, esse assunto veio a acrescentar muito em minha prática pedagógica, reafirmando a minha posição quanto à necessidade de discutir, em conjunto com as crianças, as diferentes cores que podemos atribuir à pele. Questão essa nunca pensada, refletida e problematizada por mim antes da realização deste curso.

Com os alunos da Educação Infantil, realizei uma reflexão sobre a cor com a qual devemos pintar a pele. Uma criança negra, de quatro anos de idade, estava fazendo o seu próprio desenho quando pegou o lápis cor-de-rosa para pintar a sua pele. Olhei para ela, pedi

¹ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>>. Acesso em: 09 Abr. 2019.

que olhasse a sua cor e a dos colegas, que fosse ao espelho da sala de aula para observar todo o seu corpo e que escolhesse com que cor desejaria pintar. Propus uma pequena reflexão sobre as diferenças entre as pessoas e, imediatamente, ela escolheu o marrom. No momento, dei-me por satisfeita. No entanto, percebi que deveria fazer novas intervenções e reflexões sobre esse tema.

Foi a partir desse ponto que iniciei um trabalho mais reflexivo e significativo com os alunos de aproximadamente quatro anos de idade, envolvendo identidade, memórias, esquema corporal e cor da pele.

Holm (2007) afirma que

[...] quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal, coordenação, equilíbrio, motricidade, sentir, ver, ouvir, pensar, falar e ter segurança. E ter confiança para que a criança possa se movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, coparticipando e não controlando.

Através da exploração visual do próprio corpo, com auxílio de um espelho e de fotos das famílias enviadas pelos pais, os alunos puderam perceber o porquê de sua cor e de sua aparência, além de apresentar suas memórias aos colegas. Depois, no decorrer dos dias, foi sendo feito o desenho de cada aluno, através do contorno do próprio corpo sobre papel e da pintura do mesmo com a maquiagem mais parecida com a tonalidade da pele de cada um. As roupas foram desenhadas e pintadas com tinta de acordo com o que estavam trajando no dia da realização da atividade. Assim, os alunos puderam ter noção da dimensão do próprio corpo no espaço, como também das variações das cores de pele que podem existir e de suas próprias origens. Além disso, foram capazes de desenvolver noções sobre esquema corporal e localização das partes do corpo, além de coordenação motora e percepção, usadas para fazer o desenho do corpo com o uso de massinha de modelar. Ainda, fizeram o desenho através de desenho livre a partir de observação no espelho.

Figura 2 – Apresentação dos objetos referentes às memórias dos alunos



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 3 – Contorno do corpo



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 4 – Tonalidade da pele



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 5 – Pintura com pincel



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 6 – Pintura a dedo



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 7 – Montagem do corpo com massinha de modelar



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 8 – Corpo x massinha x desenho livre



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 9 – Interação



Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

2.1 AULAS – 4º Ano

A cor da pele também foi explorada interdisciplinarmente na turma do quarto ano, após a leitura e a reflexão de vários textos sobre as diferenças, os valores, a amizade e o respeito. A finalidade foi sensibilizar os alunos e toda a escola, dialogar sobre a possível relação entre a cultura e a educação, propor reflexões a fim de gerar novos posicionamentos sobre pontos de conflitos e problematizações, contextualizar para atribuir significados às informações abordadas e também aos problemas que o país e o mundo vêm enfrentando.

Em meio a esse contexto de discussão e reflexão, propus aos alunos a criação do autorretrato, que se desenharam através da observação no espelho. Como eu já havia realizado a atividade na Educação Infantil, pensei que seria fácil para os alunos maiores. No entanto, eles demonstraram muita insegurança, dificuldade e receio em fazer e de serem criticados. Por isso, não quiseram realizar tal atividade, mesmo depois de conversarmos sobre as diferenças e a valorização dos desenhos uns dos outros. Foi então que resolvi fazer um molde do contorno de um rosto e a partir daí, os alunos complementariam a própria imagem. Eles concordaram, aceitando a padronização da atividade, mesmo não sendo o ideal a se fazer.

No entanto, o resultado foi instigante. Cada aluno colocou suas próprias impressões e características nas imagens, o que fez com que o trabalho artístico de cada um se revelasse e demonstrasse suas particularidades, principalmente com a procura e a escolha da cor de cada pele, num estojo de maquiagem. Com a imagem pronta, cada um escolheu uma palavra motivadora, capaz de proporcionar maior sensibilização e a união proposital da turma. Para dar um toque tridimensional ao trabalho e explorar mais as tonalidades de pele, os alunos desenharam as próprias mãos, colocaram a cor adequada da pele, recortaram e fizeram com que as palavras se encaixassem nelas, como se estivessem segurando-as. As palavras foram escritas e recortadas em papéis que foram pintados por eles de maneira abstrata, com tinta guache e pincel.

O resultado foi um painel bem significativo, que deixou um recado importante para toda a comunidade escolar sobre o futuro que queremos para nós e para o nosso país, além de desenvolver a percepção dos alunos para a valorização da nossa cultura e das variadas cores de pele dos nossos alunos.

Figura 10– Construção de valores: cores da pele 1



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 11– Construção de valores: cores da pele 2



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

No meu papel de fala como arte educadora, percebi minha atuação como mediadora na formação multicultural de crianças no mundo contemporâneo e cheio de estereótipos. Fui capaz de diagnosticar e intervir nesta formação, mostrando aos alunos, no geral, a necessidade de discussão e percepção das diferentes cores que podemos atribuir à pele. Além disso, fiz com que percebessem suas diferenças e as dos colegas, valorizando-as.

Muitas vezes professoras e professores carregam a tensão de acreditar nessa luta, mas, por não sentirem na própria experiência os efeitos de uma sociedade hierarquizada a partir da raça, por exemplo, acabam negligenciando esse conhecimento na sua prática profissional cotidiana. [...]. Professores e professoras têm um papel estratégico no desenvolvimento de pesquisas e na formulação de práticas pedagógicas que reflitam o ideal de uma educação antirracista [...] (BASTOS, 2015, p. 617-618).

Sendo assim, não podemos deixar de agir – devemos valorizar a cultura familiar que os alunos trazem de casa e da sociedade em que vivem, desenvolvendo propostas pedagógicas que abordem questões antirracistas embasadas no respeito e na boa convivência, buscar estratégias para sensibilizar os fatos cotidianos, ouvir os alunos e valorizar o fazer estético, proporcionando maior aproximação com a arte e com o mundo.

2.2 AULAS – 3º Ano

Baseando-me nos argumentos apresentados, dei continuidade ao trabalho com a turma do terceiro ano. Como a maioria da população do município é afrodescendente, as turmas da escola também têm, em sua maioria, alunos negros e, com isso, problemas relacionados ao racismo, preconceito e discriminação persistem. Foi através de um trabalho interdisciplinar, envolvendo Artes, que tentei propor reflexões sobre o problema para tentar solucioná-lo, (des)construindo conceitos racistas.

Inicialmente, realizei atividades envolvendo literatura com uma coleção² de livros sobre *bullying*. Os alunos, em equipes, fizeram a leitura abordando os variados assuntos sobre o tema e apresentaram as histórias aos colegas. Numa outra oportunidade, apresentei o vídeo *Que papo é esse: Bullying*³ para a turma. O vídeo mostrou, através de uma animação em desenho, uma música com orientações sobre o *bullying*. A sugestão agradou as crianças que pediram para fazer uma música sobre o assunto. Então, surgiu a ideia da construção de uma

² KLEIN, Cristina. **Coleção Bullying na escola**. Blumenau: Blu Editora, 2011.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DWP3wv4IEvc>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

paródia em que as crianças, coletivamente, elegeram a música usada para a construção da mesma, cuja letra alerta para os males do *bullying* e a importância da amizade e do respeito.

Sem a orientação, a mediação e a intervenção de um profissional empenhado num trabalho artístico interdisciplinar, a realização desse tipo de atividade não seria possível. Foi valorizando as ideias das crianças que a paródia, seguindo os versos e o ritmo da música escolhida, surgiu e alegrou a turma e toda a escola ao ser apresentada.

Com as ideias fluindo, criamos um jogo da memória para verificar a aprendizagem da turma sobre o assunto e fixamos no corredor da escola o material do jogo “Você conhece bem o *Bullying?*” e alguns cartazes para informação e conscientização. Foi também elaborada uma enquete disponibilizada para que toda a escola pudesse participar. A mesma teve por objetivo identificar dentre os participantes quais deles já havia sofrido *bullying* e de qual tipo.

Os alunos da escola demonstraram curiosidade e interesse e muito deles participaram da enquete e do jogo. As crianças ficaram muito entusiasmadas com o interesse dos colegas de outras turmas da escola e deram explicações sobre o *bullying* e como participar da enquete.

Por fim, os alunos confeccionaram bonecos, a partir de moldes, com papel *color set* e palitos de picolé, para a realização de um teatro de bonecos. Foram disponibilizados papéis coloridos para que as crianças brancas e negras pudessem escolher como fariam seus bonecos. Foi um momento ímpar vê-los interessados, concentrados, ajudando uns aos outros, desenvolvendo sua criatividade, colocando suas identidades em seus bonecos. O interesse foi tanto que não queriam parar de trabalhar. Quando acabavam o seu, queriam fazer mais.

Outra proposta feita aos alunos foi a criação de um teatro com os bonecos. Cada grupo criou uma situação referente à relação aluno-aluno para ser representada para os colegas com os bonecos de papel que confeccionaram. O grupo 1 criou uma situação em que predominava atitudes de preconceito, discriminação, falta de respeito e consideração entre colegas na escola. O grupo 2 criou uma história de *bullying* entre colegas de escola. O grupo 3 inventou uma história na qual predominava o respeito mútuo, a cooperação, o diálogo e a solidariedade entre colegas no espaço escolar.

A partir dos textos prontos, os alunos ensaiaram com os bonecos como representariam a cena. Em seguida, fizeram as apresentações para a turma utilizando uma estrutura de madeira com uma janela maior na frente – uma casinha própria para fantoches. Apesar dos alunos não estarem acostumados com teatro de bonecos, eles demonstraram dedicação e entusiasmo na apresentação teatral.

Através da formação de uma comissão, os alunos que a compuseram foram orientados para que apurassem o resultado da enquete, realizada na turma e na escola, intitulada *Você já*

sofreu bullying? De que tipo?. De acordo com o apurado, 160 alunos da escola participaram e o tipo de *bullying* mais apontado foi violência verbal (apelidos) com 47 votos, seguido de agressão verbal (deboche) e preconceito físico (aparência) com 20 votos cada, maledicência e fofoca com 19 votos. Os demais foram: roubo de material com 14 votos; agressão física com 7 votos; preconceito racial (cor) e religioso com 5 votos cada; por fim, preconceito regional com 2 votos cada. Foram contabilizadas também 21 participações nulas.

Um ponto de destaque foi uma mensagem deixada por um dos alunos participantes: “Acho que todas as pessoas deveriam se conscientizar e se colocar no lugar do outro. Todos temos chance de evoluir e sermos seres humanos racionais e maduros.” O resultado da enquete também foi compartilhado com a escola, tendo sido fixado no corredor junto aos outros materiais.

Como finalização deste projeto, construímos balões com frases (a exemplo dos que ultimamente têm sido utilizados em festas para as pessoas tirarem fotos) que representam a conscientização dos alunos em relação ao *bullying* e a valorização da amizade.

Figura 12 – Literatura: Bullying na escola



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Figura 13 – Votação



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Figura 14 – Interação com a escola



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Figura 15 – Construção de bonecos de fantoche



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Figura 16 – Produção da história



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Figura 17– Apresentação do teatro de bonecos



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Figura 18 – Resultado: Bullying não é brincadeira



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2017.

Tendo como base a proposta de Rita L. Irwin sobre a/r/tografia, percebo o meu trabalho como uma pesquisa em educação baseada em arte e justamente voltada para profissionais da educação. Ela afirma que:

[...] práticas de educadores e artistas tornam-se locais de investigação . Além disso, como investigadores, eles se constituem em pesquisadores (...) onde investigar é uma prática viva intimamente ligada às artes e à educação. A a/r/tografia tem caráter intervencionista. Ar/tógrafos concentram seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros. (IRWIN; ARTOGRAFIA, 2013, p. 28-29).

O reconhecimento das práticas de artistas, pesquisadores e educadores como lugares de investigação favorece a utilização das nossas práticas para criar, interpretar e retratar entendimentos. Assim, as ideias vão amadurecendo, bem como as práticas de arte e as experiências vividas com os alunos.

3.0 CORPO, MENTE E AFETIVIDADE

Outra oportunidade que tive em mediar um trabalho envolvendo Artes foi também de focar valores e respeito ao próximo, devido aos “desencontros” de amizades que aconteceram entre os alunos do quarto ano. Dessa vez, acrescentei o uso do corpo em atividades interdisciplinares de integração com Artes Visuais, Educação Física e Língua Portuguesa, motivando propositalmente a união da turma, a partir de tarefas envolvendo tanto o movimento corporal quanto o movimento estático. Concomitantemente, trabalhei com leituras reflexivas sobre a prática da gentileza, com atividades que trazem benefícios ao corpo e à mente do ser humano e reflexões sobre a importância da afetividade entre as pessoas para melhorar a autoestima e o bem-estar tanto quanto o movimento corporal, além de experimentar a dança, a partir de procedimentos de criação, em articulação com outras linguagens e expressões artísticas.

Para estimular a turma a dialogar entre si e com a escola através de atividades expressivas no espaço coletivo, pátio e sala de aula, envolvendo o movimento corporal e afetividade e gerando benefícios ao corpo e à mente, propus uma dinâmica à turma. Nela, os alunos se deslocaram livremente através de movimentos corporais no espaço do pátio escolar, como se estivessem se apresentando, seguidos de uma conversa informal e reflexão sobre a importância do movimento e do fazer artístico, enfatizando os benefícios para corpo e mente.

Depois, em classe, através da leitura informativa de um trecho do artigo *Gentileza gera gentileza*,⁴ sobre os benefícios da gentileza como ação principal para melhorar a autoestima e o bem-estar das pessoas, da mesma forma que o movimento corporal o faz, foi realizada uma discussão significativa sobre o assunto, acompanhada da apresentação de uma reportagem sobre o Profeta Gentileza⁵, sua vida, obras e mensagens de gentileza. Fizemos também reflexões sobre a música *Gentileza*⁶, de Marisa Monte, através de um videoclipe do *Youtube* com imagens do profeta. Questionamentos foram propostos sobre os benefícios das nossas atitudes e dos movimentos corporais em nossa vida.

Segundo FAZENDA (apud TAVARES, 2008 p.142-143)

É no ambiente de aprendizagem que o professor interdisciplinar exercita o seu desapego, sua ousadia e suas possibilidades de cooperação e de diálogo. É no dia-a-dia que esse professor utiliza como instrumental a sua própria disposição de aprender, romper com sua prática rotineira, dogmática, conservadora e prepotente. Num ato de humildade, parte para o exercício da reflexão crítica sobre o conhecimento e suas práticas pedagógicas construídas e transformadas com o outro.

Em busca de inovação e de mudança individual na maneira de ser, pensar e agir, novas situações envolvendo arte foram surgindo. Uma brincadeira dançante foi proposta através de exercícios de sensibilização/expressão corporal, em classe, ao som da música *Solta a Pisadinha*⁷, com o objetivo de descontrair o corpo e a mente através de movimentos corporais variados e específicos de cada aluno, comprovando o bem que os movimentos proporcionam.

Outra atividade lúdica foi a dinâmica da estátua (envolvendo movimentação corporal e congelamento), realizada com os alunos dispostos em círculo e ao som da mesma música. Nessa atividade, tiveram a oportunidade de criar movimentos corporais diversos e dançantes e, com a paralisação do som, cristalizaram a expressão corporal construída e “fotografaram” o colega mentalmente, observando o corpo estático.

⁴ Texto de Cíntia Parcias e Clarisse Meireles. Disponível em: <<https://www.construirnoticias.com.br/retomar-a-delicadeza-relegada-ao-esquecimento-melhora-a-qualidade-de-vida-e-as-relacoes-cotidianas/>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

⁵ Disponível em: <<https://www.construirnoticias.com.br/retomar-a-delicadeza-relegada-ao-esquecimento-melhora-a-qualidade-de-vida-e-as-relacoes-cotidianas/>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

⁶ Disponível em: <<https://youtu.be/mpDHQVhyUrY>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DWP3wv4IEvc>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

Figura 19: Movimento corporal



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Dando sequência ao movimento interativo das atividades, foram apresentadas algumas obras do artista Portinari, previamente selecionadas e ampliadas, para que os alunos refletissem sobre a produção da arte com enfoque no corpo humano. Foi importante ressaltar e propor conhecimentos sobre o renomado artista, os tipos de materiais e técnicas utilizadas nas obras, seus títulos e o período em que foram realizadas. A partir da exploração das mesmas, surgiram comentários e observações sobre a silhueta ou contorno dos corpos em movimentos apresentados nas cenas, os atos praticados e os tipos de brincadeiras infantis. Isso promoveu a motivação dos alunos e eles propuseram a realização de tais brincadeiras e de outras no pátio da escola.

Figura 20 – Portinari: Meninos Brincando, 1955 (óleo sobre tela)



Fonte: Wikiart.⁸

⁸ Disponível em: < <https://www.wikiart.org/pt/candido-portinari/meninos-brincando-1955>>. Acesso em: 12 abr. 2019

Figura 21 – Portinari: Meninos pulando carniça, 1957 (óleo sobre tela)



Fonte: Site Secretaria de Educação do Paraná.⁹

Com a sequência planejada, o pátio escolar se tornou um misto entre brincadeira, desenho, diversão e aprendizagem. Os alunos, em duplas, criaram movimentos corporais congelados, observando o corpo estático através da sombra proporcionada pela luz do sol, que foi contornada pelo colega e registrada com giz no chão, formando a linha que contorna o corpo (silhueta). O mesmo foi feito com o outro aluno da dupla. Assim, o chão do pátio da escola ficou repleto de imagens/figuras que demonstraram momentos artísticos, diversão, descontração e aprendizado. Porém, todos sabiam que as imagens não durariam por muito tempo.

Mas como “dar vida”, simbolizar o aprendizado adquirido através da atividade e apresentar para o restante da escola sem perder aquele momento único de união? Então, alguns dos movimentos estáticos, imagens/silhuetas, foram copiados em tamanho menor por alguns alunos e desenhados em folhas de papel para serem reproduzidos posteriormente. Para demonstrar a emoção e alegria que obtiveram com as atividades, os alunos realizaram pinturas livres e abstratas, feita com cores variadas, utilizando papel amassado como pincel, em folhas de papel cartão, nas quais foram reproduzidas as imagens das silhuetas quantas vezes desejassem. Através dos moldes, os alunos desenharam, recortaram e colaram as figuras em palitos (de churrasco), fixando-as em uma placa de isopor.

Os movimentos foram marcados através da diversidade de cores na construção de uma obra coletiva tridimensional, usando os bonecos construídos com as silhuetas corporais num local da escola onde todos pudessem apreciá-la. Os alunos resumiram, através de palavras, suas impressões sobre a aprendizagem adquirida com os movimentos e os momentos de união e de gentileza aos quais se propuseram para realizar na atividade. As palavras foram escritas

⁹ Disponível em < <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=50&evento=1>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

em fichas e fixadas, nomeando e compondo a obra, que transformou o ambiente escolar, trazendo questionamentos, sensibilização e reflexões sobre a mesma, então denominada *Arte em Ação – Gentileza gera gentileza*.

Figura 22 – Vídeo: Profeta Gentileza



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 23 – Movimento corporal coletivo



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 24 – Brincadeiras com o corpo



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 25 – Contorno das sombras



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 26 – As silhuetas



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 27 – Pintura livre com tinta guache



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 28 – Recorte das silhuetas



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

Figura 31 – Painel: Arte em Ação 2



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2018.

As crianças demonstraram o desejo em participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem de maneira interativa e diferenciada. No entanto, o mesmo precisa ser conduzido de forma responsável e planejada para contribuir para uma aprendizagem significativa em busca do desenvolvimento da percepção, tão importante em Artes e nas demais áreas do conhecimento.

Na verdade, minhas turmas tornaram-se um verdadeiro laboratório de experiências pedagógicas e artísticas, mesmo eu não tendo formação específica em Artes, porém interagindo interdisciplinarmente.

Com isto dito, é importante ressaltar que a educação no contexto da a/r/tografia é amplamente concebida para significar qualquer contexto interessado na aprendizagem, na compreensão e na interpretação. Dessa maneira, os professores que se consideram a/r/tógrafos são aqueles indivíduos comprometidos com atos de aprendizagem, ensino, compreensão e interpretação dentro de comunidades de aprendizes. De maneira similar, dentro da a/r/tografia, o significado de arte é amplamente concebido como produto orientado aos sentidos, entendido, interpretado ou questionado através de compromissos empreendidos e encontros com o mundo. [...] Dessa maneira tanto artistas como educadores podem ser encontrados em muitos contextos usando uma gama de ideias e materiais. [...] Estão interessados na aprendizagem, mudança, compreensão e interpretação. (IRWIN; SPRINGGAY, 2013, p. 143-144).

Sob a perspectiva desse olhar, percebo-me como um(a) a/r/tógrafo(a) que se interessa em produzir conhecimento a partir de circunstâncias de compreensão através de processos artísticos e educacionais que utilizam a pesquisa.

Assim, compartilhar conhecimentos e aprendizagens torna-se um prazer, mesmo driblando o tradicionalismo escolar que surge com pedidos para confecção de murais sobre datas comemorativas para “enfeitar” a escola, por exemplo. Na tentativa de mudar a proposta e envolver reflexão, percepção e sensibilidade, propus outro trabalho artístico aos alunos do terceiro ano. Pedi que pesquisassem sobre o dia da mulher e, depois, analisamos alguns tópicos sobre os enfrentamentos e problemas que elas vivenciam atualmente, como também os preconceitos que ainda sofrem.

Os alunos listaram características da mulher, fizeram desenhos para representá-las e colaram-nos numa folha, que foi pintada com tinta de maneira livre, usando diversas cores e formando um fundo bem colorido para não deixar que os padrões apaguem quem a mulher realmente é. Acredito que os alunos conseguiram perceber a intenção da proposta do trabalho de Artes e que o importante é que a mulher possa ser como quiser, mas ser feliz!

Pois o que conta mais na sala de aula, além das informações que o professor possa transmitir, é a própria postura diante do seu fazer. Se para ele as obras de arte não representam valores de vida, estendendo-se esta avaliação à sensibilidade das matérias e das linguagens, o professor pouco terá a dar aos alunos, fora receitas técnicas ou nomes ou datas, nada que toque ao essencial da experiência artística. Se, porém para o professor, a arte representar algo de fundamental na sua vida, uma necessidade de sentir e de ser, ele haverá de transmitir sua convicção de uma maneira ou outra. [...] É com o que de mais valioso ele poderá contribuir: em vez de mera informação, a formação do ser sensível. (OSTROWER,1990: 223)

Figura 32 – Arte x Mulher 1



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

Figura 33 – Arte x Mulher 2



Fonte: Acervo Pessoal, Argirita, MG, 2019.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi com a garantia de oportunidades para a criança se expressar com vivacidade, considerando que “expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando outra forma ao percebido e vivido” (CUNHA, 1999), que tentei engajar-me com certa responsabilidade nestes trabalhos. Para mobilizar os sentidos, é essencial o enriquecimento de experiências, promovendo encontros com diferentes linguagens e alimentando a imaginação para que meninos e meninas possam aventurar-se a ir além do habitual, à procura da própria voz e da sua poesia. (OSTETTO, 2010).

Agregadas a cada experiência, novas concepções surgiram, novos sentimentos e aprendizagens foram proporcionando uma transFORMAÇÃO maior em minha própria maneira de pensar e agir como professora, (re)conceituando minhas ações, intenções e entendimentos.

Ainda, é neste lugar de fala, envolvida no contexto escolar pedagógico e artístico, que digo que a Arte é dinâmica, que promove conhecimentos de vida, de significados, de sensibilização e de criação e que a interdisciplinaridade está em constante movimento, mantendo assim uma ligação íntima com a Arte e sendo capaz de desenvolver no aluno questões relacionadas à reflexão, à experimentação, à criação e, especificamente, à percepção, pois é essa que será utilizada nas demais áreas. É a partir desse motivo que se dá a

importância da Arte para o desenvolvimento do ser humano e da educação, tornando-se mais significativa e transformadora.

Sendo assim, posso falar, envolvida nesse contexto, que esta disciplina é mediadora do conhecimento, pois é por meio dela, na relação que se estabelece entre a percepção do real e a sua representação, que o saber é construído.

Diferente do que eu pensava e do que muitos pensam, é a Arte que conduz as outras áreas do conhecimento, por isso concordo quando a professora Olga Von Simson diz que a arte na escola “auxilia os outros processos educativos, promove a cidadania e até a revalorização da escola formal” (Itaú Cultural, 2006, p.12). Num momento anterior ao que me encontro, apenas com formação pedagógica, sem noção do que realmente seria o ensino de Arte na escola, falar sobre essa disciplina como sendo autoexpressão ou educação estética era motivo de estranheza, dúvidas e total desconhecimento. Por outro lado, após a especialização, mesmo caminhando em busca de mais conhecimentos e instrução sobre o assunto, em meio a minha transFORMAÇÃO, vejo a arte como emoção, sensibilização, reflexão, criticidade e, principalmente, percepção.

A partir desse trabalho, reconheço a importância das Artes Visuais no processo educativo. Foi colocando em prática um pouco das reflexões adquiridas no decorrer dos estudos relacionados à arte que tive a possibilidade de propor questionamentos sobre a nossa vivência diária, problematizando questões e conduzindo enfrentamentos frequentes deste mundo contemporâneo.

Assim, fui capaz de observar as minhas ações e as dos alunos em diversos contextos, transitando pelas diferentes linguagens interdisciplinarmente, ampliando nossa visão de mundo e nossa maneira de sentir e agir, o que faz total diferença no modo de ser e estar no mundo. E foi em meio a essa produção de diferenças que propus Arte, através das minhas experiências investigativas com ensino e aprendizagem, baseada nas conexões entre o estético, o poético e o político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. A suposta existência. In: **A paixão medida**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BALISCEI, J. P.; CALSA, G. C.; MARQUES GODINHO, A. C. Conflitos com o “lápiz cor da pele”: A série Polvo, de Adriana Varejão e o multiculturalismo no ensino de Artes. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 38-57, Jan./Abr. 2017. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

BASTOS, Priscila da Cunha. Eu nasci branquinha: construção da identidade negra no espaço escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 615-636, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **A importância no ensino das artes na escola**. São Paulo, Revista Época, 16 mai. 2016. Entrevista a Beatriz Morrone. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**.v. 6: **Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASABLANCA. Curta de animação Que papo é esse: **Bullying**. 2011. (10min53s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KKShIZAYF4I&feature=youtu.be>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

CUNHA, S. R. V. **Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil**. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). *Cor, som e movimento*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 7-36.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

FAZENDA, Ivani (org.) **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

HOLM. Anna Marie. **Baby-Art: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

ITAÚ CULTURAL. **Educação de saberes, poderes e querer**. São Paulo, 2006. (Rumos Educação, Cultura e Arte, n.1).

MEIRELES, Clarisse; PARCIAS, Cíntia. **Gentileza gera gentileza**. Disponível em: <<https://www.construirmoticias.com.br/retomar-a-delicadeza-relegada-ao-esquecimento-melhora-a-qualidade-de-vida-e-as-relacoes-cotidianas/>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

MONTE, Marisa. **Gentileza**, faixa 3. Álbum **Memórias, Crônicas e Declarações de Amor**. Gravadora Records, EMI, 2000. Disponível em: < <https://youtu.be/mpDHQVhyUrY>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil Saberes e Fazeres da Formação de Professores**. São Paulo. Editora: Papirus. 2010

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 289 p. il.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; VAREJÃO, Adriana. **Pérola imperfeita: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão**. Edição Isabel Diegues. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

VAREJÃO, Adriana. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>>. Acesso em: 09 Abr. 2019.

REVISTA PROSA E VERSO. **“Gentileza gera gentileza” – Profeta Gentileza (José Datrino)**. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/gentileza-gera-gentileza-profeta-gentileza-jose-datrino/>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SILVA, Gilvan. Solta a Pisadinha, faixa 1. Álbum **Gilvan Silva Vol. 3**. Gravadora Jefinho Cds, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DWP3wv4IEvc>>. Acesso em: 18 mar. 2019.